

GEORGES SIMENON

A gafieira de dois tostões

Tradução
Eduardo Brandão



Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited

GEORGES SIMENON ® Simenon.tm

MAIGRET ® Georges Simenon Limited

Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

La Guinguette à deux sous

Projeto gráfico

Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.
A gafaria de dois tostões / Georges Simenon ; tradução Eduardo Brandão. — 1ªed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: *La Guinguette à deux sous*.
ISBN 978-85-359-2694-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa)
2. Romance francês I. Título.

16-01076

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

1. O sábado do sr. Basso 7
2. O marido da dama 20
3. As duas canoas 32
4. Os encontros da Rue Royale 43
5. O carro do doutor 57
6. Barganhas 69
7. O brechó 81
8. A amante de James 92
9. Vinte e dois francos de presunto 105
10. A ausência do comissário Maigret 118
11. O assassino de Ulrich 130

1. O sábado do sr. Basso

Um fim de tarde radiante. Um sol quase meloso nas ruas calmas da Rive Gauche. E em toda parte, nos rostos, nos mil ruídos familiares da rua, a alegria de viver.

Tem dias assim, em que a existência é menos cotidiana e em que os transeuntes nas calçadas, os bondes e os carros parecem representar seu papel num espetáculo mágico.

Era 27 de junho. Quando Maigret chegou à entrada da Santé, o vigia enternecido observava um gatinho branco que brincava com o cachorro da leiteira.

Talvez haja dias em que até os paralelepípedos das ruas parecem mais sonoros. Os passos de Maigret ecoaram no pátio imenso. No fim de um corredor, interrogou um guarda.

– Ele já sabe?

– Ainda não.

Uma chave gira. Um ferrolho. Uma cela altíssima, limpíssima, e um homem se levantava enquanto seu rosto parecia buscar uma expressão.

– Tudo bem, Lenoir? – indagou o comissário.

Ele quase sorriu, mas uma ideia de repente endureceu seu

semblante. As sobrancelhas se aproximaram, desconfiadas. No lapso de alguns segundos esboçou uma expressão feroz, depois deu de ombros, estendeu a mão.

– Entendi! – disse.

– Entendeu o quê?

Um sorriso petulante.

– Não vai querer me enganar, hein? Se o senhor está aqui...

– É que saio de férias amanhã de manhã e...

O prisioneiro riu, um riso seco. Era um homem grande, de cabelos castanhos penteados para trás. Traços regulares. Belos olhos também castanhos. Bigodes finos que realçavam a branura de seus dentes pontudos como os dos roedores.

– O senhor é muito gentil, comissário.

Espreguiçou, bocejou, fechou a tampa da latrina que, num canto da cela, tinha ficado aberta.

– Não repare na bagunça.

E, de repente, olhou nos olhos de Maigret:

– O recurso foi rejeitado, não é?

Era inútil mentir. Ele já tinha entendido. Andava de um lado para o outro.

– Eu não tinha esperança. Para quando é? Amanhã?

Enfim, na última palavra sua voz se velou e seus olhos colheram a luz do dia que penetrava por uma janela estreita, muito alta.

Na mesma hora, os vespertinos que os jornaleiros vendiam nos terraços dos cafés anunciavam:

O presidente da República rejeitou o recurso de Jean Lenoir, o jovem chefe da gangue de Belleville. A execução será amanhã ao raiar do dia.

Fora Maigret que, três meses antes, havia capturado Lenoir

num hotel da Rue Saint-Antoine. Um segundo a mais e a bala que o assassino atirava em sua direção o atingiria no meio do peito em vez de se perder no teto.

Apesar disso, o comissário tinha se interessado por ele, sem rancor. Primeiro, talvez porque Lenoir era jovem. Um rapaz de vinte e quatro anos que, desde os quinze, colecionava condenações.

Depois, porque era um sujeito de princípios. Tinha cúmplices. Dois deles haviam sido detidos no mesmo dia que ele. Eram tão culpados quanto ele e, no último caso, no ataque à mão armada a um cobrador, eles tinham ficado com uma parte maior que a do chefe.

Apesar disso, Lenoir os inocentava, assumia toda a culpa, se recusava a entregar os criminosos.

Não era esnobe nem fanfarrão. Não punha sua queda na conta da sociedade.

– Perdi! – contentava-se em dizer.

Estava terminado. Ou melhor, quando o sol que iluminava um pedaço da parede da cela se levantasse de novo, estaria terminado.

Lenoir, contra a própria vontade, fez um gesto sinistro. Enquanto andava, passou a mão na nuca, se arrepiou, empalideceu, sentiu necessidade de brincar:

– Cá entre nós, dá uma sensação esquisita.

E bruscamente, com um turbilhão de rancor na boca:

– Se pelo menos a gente fosse pra lá com todos os que merecem!

Observou Maigret, hesitou, deu novamente a volta pelo compartimento estreito, resmungou:

– Não é agora que vou começar a “entregar” alguém. Mas cá entre nós...

O comissário evitava olhar para ele. Sentia a confissão vir. Sabia que o outro estava tão furioso que um simples tremor,

ou um interesse acentuado demais, bastaria para lhe fechar a boca.

— Naturalmente o senhor não conhece a gafieira de dois tostões. Bom, se for dar uma volta por lá, imagine que tem um cara, entre os habitués, que merecia mais do que eu estar amanhã na máquina...

Continuava andando. Não podia parar. Aquilo se tornava alucinante. Era a única maneira de trair sua ansiedade.

— Mas o senhor não vai pegá-lo. Olhe, sem dedurar, posso lhe contar uma coisa. Não sei por que isso me veio à cabeça hoje. Vai ver por ser uma história dos tempos de moleque. Eu devia ter uns dezesseis anos. Éramos dois a frequentar os cabarés e a bater carteiras. O outro, a essa altura, deve estar num sanatório. Já tossia...

Será que, agora, ele falava para se dar a ilusão de vida, para provar a si mesmo que ainda era um homem?

— Uma noite... Eram umas três horas. A gente ia pela rua... Não! Não vou dizer o nome da rua. Uma rua qualquer. Vimos de longe uma porta que se abriu. Tinha um carro encostado no meio-fio. Um sujeito saiu dele, empurrando outro. Não, empurrando não! Imagine um manequim que você quisesse fingir que andava ao seu lado como se fosse um colega. Ele o enfia no carro, se instala ao volante. Meu amigo me lança um olhar, e pulamos no para-choque traseiro. Naquela época me chamavam de Gato. Não preciso explicar! Passamos por um montão de ruas. O cara que dirigia parecia procurar por algo, parecia ter se enganado... Depois entendi o que ele procurava, porque chegou ao canal Saint-Martin... Já adivinhou, não é? Foi o tempo de abrir a porta, tornar a fechá-la e pronto. Um corpo na água.

“Perfeito! O fulano do carro deve ter posto nos bolsos do defunto uns trecos pesados, porque ele não boiou nem um segundo.

“Nós dois, ali na nossa... Demos outra espiada. Pulamos de volta para o nosso lugar, só para ficar sabendo do endereço do freguês. Na Place de la République ele parou para tomar um rum no único café ainda aberto. Depois levou seu carro para a garagem e foi pra casa. A gente via sua silhueta detrás das cortinas, tirando a roupa.

“Durante dois anos a gente o chantageou, Victor e eu. Éramos novatos. Tínhamos medo de pedir demais. Cem francos de cada vez.

“Aí, um dia ele se mudou e não o encontramos mais. Não faz três meses eu o vi na gafieira de dois tostões e ele nem me reconheceu.”

Lenoir cuspiu no chão, automaticamente procurou seus cigarros, resmungou:

— Quando um cara está numa situação como a minha, deviam deixá-lo fumar...

O raio de sol tinha desaparecido lá em cima. Ouviam-se passos pelos corredores.

— Não que eu seja pior que qualquer outro, mas devo confessar que o tipo de que lhe falo estaria muito bem, amanhã de manhã, comigo na...

Aquilo saiu de repente. Gotas de suor na testa. E, ao mesmo tempo, as pernas ficaram bambas. Lenoir sentou na beira do catre.

— Está na hora de me deixar... — suspirou. — Pensando melhor, não... Não! Que não me deixem sozinho hoje. É melhor falar. Olhe, quer que lhe conte a história de Marcelle, a mulher que...

Abriram a porta. O advogado do condenado hesitou ao ver Maigret. Exibia um sorriso de circunstância, para não deixar o cliente adivinhar que o recurso havia sido rejeitado.

— As notícias são boas... — começou.

— Deixe de conversa!

E a Maigret:

— Não vou lhe dizer até logo, hein, comissário? O senhor com o seu ofício, eu com o meu... e sabe o que mais? Não vale a pena ir à gafieira. O cara é tão esperto quanto o senhor.

Maigret estendeu a mão. Viu as narinas do homem tremarem, o bigodinho castanho se umedecer, os caninos apertando o lábio inferior.

— Isso ou a febre tifoide! — brincou Lenoir com um riso forçado.

Maigret não ia sair de férias, mas tinha um caso de bônus falsos que lhe tomava quase todo o tempo. Nunca tinha ouvido falar da gafieira de dois tostões. Informou-se com seus colegas.

— Não conheço. Fica onde? No Marne? No baixo Sena?

Lenoir tinha dezesseis anos na época do caso que conta-
ra. Logo o caso tinha uns oito anos, então certa noite Maigret abriu os dossiês dos casos arquivados daquele ano.

Mas não havia nada de sensacional. Desaparecimentos, como sempre. Uma mulher cortada em pedacinhos, cuja cabe-
ça nunca fora encontrada. Quanto ao canal Saint-Martin, de-
volvera nada menos que sete cadáveres.

E a história dos bônus falsos se complicava, exigia várias diligências.

Depois precisou levar a sra. Maigret à Alsácia, à casa da
irmã, onde iria passar um mês, como todos os anos.

Paris se esvaziava. O asfalto se tornava mole sob os pés. Os transeuntes procuravam as calçadas com sombra e todos os lugares estavam tomados no terraço dos cafés.

Te esperamos sem falta domingo. Beijos de todos.

A sra. Maigret reclamava porque, naqueles quinze dias, o marido não tinha ido vê-la. Era sábado, 23 de julho. Ele arru-

mou seus dossiês, avisou a Jean, o contínuo do Quai des Or-
fèvres, que certamente não voltaria antes de segunda à noite.

Na hora de sair, seu olhar bateu na aba do seu chapéu-coco que estava quebrada havia semanas. A sra. Maigret tinha lhe dito mil vezes para comprar outro.

— Vão acabar te dando esmola na rua.

No Boulevard Saint-Michel, viu um chapeleiro, começou a experimentar chapéus-coco, todos pequenos demais para a sua cabeça.

— Garanto que este... — insistia em repetir o aprendiz de vendedor.

Nunca Maigret se sentiu tão infeliz ao experimentar alguma coisa. Então, no espelho em que se olhava, percebeu um tronco, uma cabeça e, nessa cabeça, uma cartola.

Como o cliente usava um terno esporte cinzento, era engracado. Ele falava.

— Não! Queria um modelo mais antigo ainda. Não é para usar...

Maigret esperava os novos chapéus que tinham ido buscar nos fundos da loja.

— É, digamos, para uma brincadeira. Um casamento de mentirinha que estamos organizando com alguns amigos, na gafieira de dois tostões. Vai ter a noiva, a sogra, os pajens e tudo o mais. Como num casamento na roça. Entendeu o que eu preciso? Vou ser o prefeito da cidade e irei celebrar o evento.

O cliente dizia aquilo dando boas risadas. Era um ho-
mem de uns trinta e cinco anos, rechonchudo, de bochechas cheias e rosadas, que dava a impressão de ser um comercian-
te próspero.

— Se tivesse um de aba plana...

— Espere! Acho que no ateliê tem exatamente o que o se-
nhor precisa. É um encalhe.

Traziam para Maigret uma nova pilha de chapéus-coco. O

primeiro que experimentou coube. Mas o comissário se demorou, só saiu alguns instantes antes do homem da cartola e parou um táxi ao acaso.

Teve sorte. O outro, ao sair, entrou num carro estacionado ao meio-fio, sentou ao volante e rumou para a Rue Vieille-du-Temple.

Passou ali meia hora num brechó e saiu com uma grande caixa que devia conter o traje que iria com a cartola.

Depois, a Champs-Élysées, a Avenue de Wagram. Um barzinho de esquina. Ficou lá dentro não mais que cinco minutos, saiu na companhia de uma mulher de uns trinta anos, gorducha e radiante.

Maigret olhou duas vezes o relógio. Seu primeiro trem tinha partido. O segundo partia em quinze minutos. Deu de ombros, disse ao taxista:

— Continue a segui-lo!

Como ele imaginava: o carro parou em frente a um prédio da Avenue Niel. O casal se precipitou sob a abóbada da entrada. Maigret esperou quinze minutos, entrou, não sem ler numa placa de cobre:

Garçonnères por mês e por dia

Numa saleta elegante que recendia a adultério, encontrou uma gerente perfumada.

— Polícia Judiciária. O casal que acaba de entrar...

— Que casal?

Ela não protestou muito.

— Pessoas de bem, casados os dois, que vêm duas vezes por semana.

Ao sair o comissário deu uma olhada, através do vidro, na placa de identidade do carro.

*Marcel Basso
32, Quai d'Austerlitz, Paris*

Nem um sopro de brisa. Um ar quente. E todos os bondes, todos os ônibus que se dirigiam para as estações ferroviárias, lotados. Os táxis carregados de cadeiras dobráveis, varas de pesca, puçás para camarões e malas.

O asfalto estava azul de tão brilhante e os terraços dos cafés, dominados pelo barulho de copos e de pires.

— É mesmo, faz três semanas que Lenoir foi...

O caso não foi muito comentado. Era um caso banal, um assassino de certo modo profissional. Maigret se lembrou do bigode trêmulo do rapaz, suspirou olhando para o relógio.

Tarde demais para se encontrar com a sra. Maigret, que, à noite, estaria na cancela da estaçãozinha e não deixaria de murmurar:

— Sempre o mesmo!

O taxista lia um jornal. O homem da cartola saiu primeiro, inspecionou a rua nos dois sentidos antes de fazer um sinal à companheira, que ficara sob a abóbada da entrada.

Parada na Place des Ternes. Pelo vidro de trás, dava para vê-los se beijando. E estavam de mãos dadas com a marcha já engrenada, e que a mulher tinha parado um táxi.

— Continuo? — o motorista perguntou a Maigret.

— Se já viemos até aqui...

Pelo menos achou alguém que conhecia a gafieira de dois tostões!

Quai d'Austerlitz. Um enorme painel:

*Marcel Basso
Importador de carvões de todas as procedências
Atacado — Varejo
Entregamos sacos em domicílio
Preços de verão*